

**VÍTOR SILVA, HENRIQUE  
POUSÃO – INFÂNCIA,  
EXPERIÊNCIA  
E HISTÓRIA DO DESENHO.  
PORTO: DAFNE EDITORA, 2011**

---

AFONSO RAMOS  
Investigador em História da Arte

Entre a literatura sobre as últimas décadas de Oitocentos em Portugal reina o lugar-comum de declarar certos artistas como figuras enigmáticas e misteriosas, e ao mesmo tempo de condenar o esquecimento parcial ou total das suas obras – é o caso, por exemplo, de Antônio Carneiro, Artur Loureiro, Aurélia de Sousa, Columbano, Henrique Pousão, Sousa Pinto, Silva Porto, Soares dos Reis, ou Veloso Salgado. Não serão, no entanto, duas faces da mesma moeda? Que significam afinal estas premissas por demais repetidas e que desafios colocam ao modo como artistas e obras têm (ou não têm) sido vistos, pensados e filtrados? Eis alguns dos problemas historiográficos que se alimentam de noções profundamente contestadas pela teoria contemporânea, como a excessiva mitologia fabricada em torno da *persona* do artista (um fenómeno galopante no final desse século) ou a tradicional construção de grandes narrativas da história da arte. Ambas as tendências têm sido criticadas por eclipsarem a singularidade de cada obra, destituindo-as de protagonismo e complexidade próprias, e por se furtarem ao confronto de elementos visuais e de objectos cujas ambivalências, anacronismos e contradições internas não se encaixem nos discursos que as procuram apropriar ao serviço de quaisquer teleologias, ideologias e categorias normativas.

Em linha com estes debates recentes e em virtude dos modelos teóricos que mobiliza para reavaliar e problematizar episódios específicos da arte nacional, o livro de Vítor Silva sobre Henrique Pousão constitui, entre nós, excepção e exemplo no modo como ensaia articular uma revisão histórica com uma revisão historiográfica. Fugindo à regra do volume monográfico, esta colectânea reúne nove pequenos artigos – quase todos publicados em revistas, entre 2003 e 2009 – que partem do entendimento comum de que “nas formas que constituem, passivamente, a caracterização estética e o enquadramento histórico da obra de Pousão, inscrevem-se problemas teóricos e dinâmicas de análise, de interpretação, que importa relacionar

e pensar de novo”<sup>1</sup>. Tal reposicionamento crítico, como vimos, “exige a encenação teórica de um alargamento metodológico, não só da obra como da própria concepção da história da arte”<sup>2</sup>.

A longa investigação que culmina neste livro de Vítor Silva, Professor de Desenho na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, resultou em parte de um pós-doutoramento e foi depois adaptada pelo próprio ao formato de exposição, em “Esperando o Sucesso. Impasse académico e despertar do modernismo” no Museu Nacional de Soares dos Reis<sup>3</sup>, no Porto, integrada no programa de comemorações do 150º aniversário do nascimento de Henrique Pousão (2009). Também a maioria dos artigos aqui compilados se encontra exclusivamente centrada numa obra apenas, *Esperando o Sucesso* (1882). O programa desta escolha única é importante, na medida em que procura distância das tradicionais filiações por estilo e escola – naturalista? realista? impressionista? tardo-romântico? – ou de interpretações negativas da obra, julgando-a por mero contraste ao que era então feito fora do país. Sem cronologias, nem biografias, antes se procura um tipo de micro-história da arte, isto é, uma análise aplicada a partir da observação directa da imagem, concentrando-se na discussão dos detalhes, narrativas e retóricas visuais nela contidas, para poder restituir-lhe a singularidade e abri-la a problemáticas mais amplas à volta de Pousão:

[...] importa despertar aspectos e relações da pintura que não têm sido evocados, em vez de reiterar as interpretações categóricas e generalistas que enveredam pela mera disposição descritiva da história dos estilos. Importa encarar as contradições, os desvios, os acidentes próprios da obra, contrariando a tendência em dissolvê-los num misto de continuidade e de desenvolvimento ideal, sem sobressaltos.<sup>4</sup>

Para a interpelação crítica do quadro, Vítor Silva regressa a Walter Benjamin e a Aby Warburg, mas acima de tudo, ao modo peculiar como estes autores foram reanimados e assimilados no trabalho recente de pensadores como Georges Didi-Huberman. A imagem é aqui, por conseguinte, considerada como um centro para a interrogação da cultura visual, contendo valores textuais e reflexivos próprios, e sendo fragmentada numa série infinda de questões, exploradas ora mediante complexas fórmulas desses autores, como seja a “imagem-malícia”, a “imagem-dialéctica”, ou o “*Pathosformel*”, ora usando ferramentas linguísticas para abordar o lugar do espectador, e dispositivos de montagem ou intertextualidade. Um leque de ângulos metodológicos que oferece propostas inéditas de leitura desta obra – enquanto “objecto-teórico”, como a define o autor –, complementadas por uma curiosa iniciativa editorial em apêndice ao livro, um atlas warburgiano dedicado a Henrique Pousão, sob a forma de desdobrável repleto de pinturas, fotografias e outros documentos visuais de diferentes tempos e locais, potenciando essa lógica de associação de imagens que está na origem dos próprios ensaios, na medida em que “Toda [est]a pintura se oferece como uma armadilha de imagens antigas, de

<sup>1</sup> Vítor Silva, *Henrique Pousão – Infância, Experiência e História do Desenho*, Porto: Dafne Editora, 2011, p. 9.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 40.

<sup>3</sup> Sobre a exposição, ver artigo publicado nesta revista (n.º 8, 2011; pp. 192-205): Lúcia Almeida Matos e Vítor Silva, “Expor a Investigação – dois percursos pela obra de Henrique Pousão”.

<sup>4</sup> Vítor Silva, *op. cit.*, p. 51.



*Esperando o Sucesso* (1882), óleo sobre tela, 131,5 × 83,5 cm. Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto  
© Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ACD)

*sobrevivências* formais e de detalhes simbólicos aparentemente bem conhecidos mas que, exactamente por serem conhecidas, se subtraem ao equívoco da simples demonstração 'realista' ou iconográfica"<sup>5</sup>.

Com base nesta ideia de um circuito de referências visuais e privilegiando assumidamente o território do desenho, o livro começa por recuperar as primeiras experiências de Pousão nesta técnica artística, percorrendo as exigências e mutações

<sup>5</sup> *Idem*, p. 77.

que foi atravessando desde as primeiras tentativas infantis e no decurso da formação clássica na Academia Portuense de Belas-Artes (1872-80). Sobre isto, tratam também os três últimos artigos do livro que, embora sejam os únicos não focados na obra, repegam em desenhos de arquitetura e anatomia e num manuscrito inédito dos tempos de estudante, para iluminar aspectos determinantes da cultura académica a que o pintor estaria exposto e soube apropriar, dando assim destaque a um diálogo informado com modelos da tratadística (Jean Cousin, entre outros), manuais de anatomia (sobretudo Julien Fau) e o exercício da cópia artística. Ao esquadriñar todos estes factores que haviam atraído pouca ou nenhuma atenção, Vítor Silva abre novas possibilidades de leitura de *Esperando o Sucesso* – como através do uso e mediação da fotografia, do retrato na sua relação com o tema do artista quando jovem e o tema coevo do pastor *ciociaro*, e discutindo em paralelo a recepção crítica a que a obra esteve sujeita desde cedo. Entre os detalhes que careciam de comentário, nota, por exemplo, o caso flagrante da pequena auto-caricatura por detrás da figura principal. Se permaneceu largamente ignorada, aqui adquire um protagonismo que redefine a pintura por completo, passando esta a funcionar como uma sucessão de auto-retratos de várias tipologias, à laia de um jogo de forças interno, que vai de encontro aos diferentes processos miméticos e à centralidade da figura humana transmitidos pela academia, mas sob a forma de resposta auto-crítica quanto aos fins da aprendizagem artística. A pintura é assim reescrita como uma galeria de espelhos na qual, segundo o autor, se encontra resumida a própria história do desenho. Uma leitura que liberta a obra de entendimentos anteriores mais estreitos, como fruto caduco da pintura académica, para constituí-la como uma complexa paródia realista do retrato, entre as fórmulas do academismo e as novas exigências do modernismo – tensão crucial de onde irrompe este “combate pela pintura”, como se intitula um dos mais estimulantes artigos deste livro.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 38.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 57.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 60.

É uma paródia que recai sobre as virtudes e o virtuosismo do desenho, sobre os hábitos e as convenções, e que incide sobre a tradição académica, sobre a autoridade dos jüris, sobre a crítica formalista e estetizante.<sup>6</sup>

*Esperando o Sucesso*, enquanto activa resistência ao academismo, é uma pintura que configura assim uma crise de obediência às fórmulas do passado. Este encontro alegórico entre a cultura académica e o naturalismo como pólos magnéticos entre os quais a vida artística se reinventava, permite repensar o final de Oitocentos e a posição liminar de Henrique Pousão face às narrativas historiográficas disponíveis. A pintura, assim apresentada por Vítor Silva, deposita pouco peso na experiência social e política da arte, mas afigura-se irreduzível a leituras deterministas e simplificadas, incitando o debate em torno de conclusões ambiciosas, ao considerar o quadro uma “alegórica ironia da pintura moderna”<sup>7</sup>, ao olhar a criança como um “símbolo do pintor moderno”<sup>8</sup>, e ao criar um novo advento para o choque do modernismo em território nacional:

<sup>9</sup> *Idem*, p. 117.

Contra a ideia de um naturalismo puro, que reivindica o contacto e a emoção do visível, a imagem pulveriza-se em múltiplas questões, não só teóricas mas práticas, com as quais se constrói a interposição, involuntária e inconsciente, de um espectador moderno capaz de reagir com sucesso ao devir da pintura.<sup>9</sup>

Apesar destas potentes maquinações teóricas perderem por vezes o contacto inicial com *Esperando o Sucesso*, afastando-se da observação directa da imagem com derivas teóricas que parecem seguir o seu próprio caminho, a leitura deste livro deve importar acima de tudo pelos problemas de fundo que levanta, e não somente pela maneira como estes aparecem especificamente resolvidos no caso desta pintura. Um repto com interesse inestimável para a história da arte oitocentista em Portugal, localizando ângulos mortos e becos sem saída em certos discursos, e obrigando a um envolvimento mais demorado e crítico com cada obra. E isto sem que, no entanto, perca o ritmo provocatório e fluente que decerto levará qualquer leitor a enredar-se imediatamente numa obra algo esquecida de um artista enigmático e misterioso. ●